REFERÊNCIAS

1. BRASIL. (1990) Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União. 20 set 1990; Seção 1

2. ABIB, L.T. (2012) “Caminhando contra o vento...”: a história das Residências Integradas Multiprofissionais em Saúde. Trabalho de Conclusão de Residência, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Núcleo Educasaúde, Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva Porto Alegre, 2012

3. BRASIL. (2005) Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005. Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude; altera as Leis nos 10.683, de 28 de maio de 2003, e 10.429, de 24 de abril de 2002; e dá outras providências. Diário Oficial da União – 01 jul 2005; Seção 1.

4. BIELEMANN, V. L. M. (2003) A Família Cuidando do ser humano com Câncer e sentindo a Experiência. Rev. Bras. de Enferm. Brasília. 56(2): 133-137

5. ELIAS, V.A. (2008). Psicanálise no hospital: algumas considerações a partir de Freud. Rev. SBPH v.11 n.1, p 87 -100. Rio de Janeiro.

6. MUNIZ, J.R. E TAUNAY, M.S.(2000). Grupos de enfermagem no Hospital Geral. In: Filho, J.M. (org). Grupo e Corpo. Porto Alegre: Artmed, p 45- 58.

7. PITTA A. (1991) Hospital: dor e morte como ofício. São Paulo (SP): Editora Hucitec.

8. PEREIRA, M.E.R.; BUENO, S.M.V. (1987) Lazer – Um caminho para aliviar as tensões no ambiente de trabalho em UTI: uma concepção da equipe de enfermagem. Rev. Latino Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 5, n. 4, p 75-83.

9. CHIAVEGATO FILHO E NAVARRO (2012) A organização do trabalho em saúde em um contexto de precarização e do avanço da ideologia gerencialista, Revista Pegada – Vol. 13 N.2, São Paulo: CEGeT/Centro de estudos de geografia do trabalho.

10. NORBERT ELIAS AND ERIC DUNNING. (1992) A busca da excitação. Título original: The Quest for Excitement. Difel, Lisboa.

11. VERISSIMO, D. S; VALLE, E.R.M. (2006) A experiência vivida por pessoas com tumor cerebral e por seus familiares. Psicologia Argumenta - Pontifícia Universidade do Paraná v. 24. n. 45, p 45-57, abr/jun.

AUTORES:

Alex Prata Nogueira ^{1, 2}
Artemis Araújo Soares ^{1, 3}
Mikael Seabra Moraes ^{1, 2}
John Lennon M. Lima ^{1, 2}
Silas Nery de Oliveira ^{1, 2}

¹ Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Brasil

² Laboratório do Estudo do Desempenho Humano/ FEFF/ Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Brasil

³ Laboratório de Estudo Sócio-Cultural/ FEFF/ Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Brasil

RESUMO

Este estudo teve como objetivo identificar o perfil sócioeconômico-cultural dos alunos do curso de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas, Campus Manaus. Fizeram parte deste estudo 294 alunos, sendo: 127 do curso de Licenciatura em Educação Física, 84 do curso de Bacharelado em Educação Física e 83 do curso de Bacharelado em Fisioterapia. Para traçar o perfil socioeconômico e cultural foi construído um instrumento com base em três outros questionários: 1) no padrão utilizado pelo ENADE, 2) no utilizado pela UFAM e 3) pelo ADIFES. Os resultados foram organizados através da estatística descritiva (médias e desvios padrão). O acadêmico da FEFF/ UFAM se identifica como um universitário da cor da pele parda, da religião católica, mora na zona urbana da cidade com uma a três pessoas, a escolaridade do ensino médio da mãe é superior a do pai, o tempo de conclusão do ensino fundamental foi de 8 anos e o do ensino médio de 3 anos, estudando somente em escola pública, é solteiro, tem uma renda individual de até 1 salário mínimo e familiar de três a seis salários, já trabalhou e trabalha em uma jornada de até 10 horas semanais.

Correspondência: Alex Prata Nogueira. Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas-FEFF/ UFAM, Manaus, Brasil.

O perfil socioeconômico-cultural dos alunos do curso de Educação Física e Fisioterapia da UFAM, Campus Manaus

PALAVRAS CHAVE:

Estudantes. Socioeconômico. Cultura.

The socio-economic-cultural profile of the students of the graduation in Physical Education and Physiotherapy (UFAM, Campus Manaus)

ABSTRACT

This study aimed to identify the socio-economic-cultural profile of students of Physical Education and Physiotherapy, Federal University of Amazonas, Manaus Campus. This study included 294 students, of which: the 127 Degree in Physical Education, 84 the course of Bachelor of Physical Education and 83 of the Bachelor of Physiotherapy course. To draw the socioeconomic and cultural profile was constructed a tool based on three other questionnaires, 1) standard used by ENADE, 2) used UFAM and 3) ADIFES. Results were organized using descriptive statistics (means and standard deviations). The academican of FEFF/UFAM identifies itself as a university of mixed skin, the Catholic religion, live in the urban area with one to three people, a high school education of the mother is greater than the father, the completion time elementary school was 8 years and high school for three years, studying only in public school, is single, has an individual income of up to 1 minimum wage and family of three to six salaries, has worked and works on a journey of up to 10 hours weekly.

KEY WORDS:

Students. Socioeconomic Profile.

INTRODUÇÃO

No decorrer dos últimos anos no Brasil, estamos observando um crescimento bastante acentuado ao ensino superior. Crescimento este que se dá pela proporção cada vez mais expressiva de jovens que ingressam para a universidade em busca do sonho de ser bem sucedido no mercado de trabalho, na conclusão do curso e até mesmo na formação de uma nova família.

Os dados do último Censo da Educação Superior, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais- INEP³, mostram que o Brasil atingiu o índice de (20,1%) (5.191.760) de jovens entre 18 a 24 anos matriculados no ensino superior.

Se observarmos nossas gerações anteriores e analisarmos com os padrões de vida dos universitários de Portugal¹⁷, encontraremos certas semelhanças, pois a maioria dos jovens das décadas anteriores já concluíam os seus estudos (ensino básico primário) e iniciavam a sua vida profissional dentro das faixas etárias divulgada pelo INEP³.

Para a maioria desses jovens, o acesso ao emprego era a primeira etapa a conquistar para a passagem a vida adulta, principalmente para os homens, onde esse emprego correspondia ao início de uma longa carreira profissional, a qual só abandonariam na velhice. Era também um tempo marcado pelo exercício de uma atividade remunerada, com peso na economia familiar e, muitas vezes já sem qualquer ligação ao sistema escolar, porém associado a uma formação no local de trabalho.

Nos dias atuais, devemos registrar as oportunidades e os programas que o governo tem oportunizado ao acesso à universidade para um número cada vez maior de jovens. Esses programas abrem novos horizontes para as camadas menos favorecidas da população, pois são prioritariamente direcionados a estudantes oriundos da rede pública de educação básica ou com renda familiar per capita de até um salário mínimo e meio. A oferta de vagas, que em 2003 era de 109,2 mil segundo o Programa de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais-REUNI chegou a 187 mil em 2010 e a projeção era de que chegasse a 243,5 mil até 2012⁹.

O Plano Nacional de Educação – PNE 2011-2020 confirma a tese da importância da educação para o desenvolvimento e estabelece metas ambiciosas que deverão elevar substancialmente os recursos aplicados em educação.

Relevando-se a hegemonia das Universidades Federais no cenário nacional em relação à produção científica e a qualidade do ensino, torna-se importante conhecer o perfil do seu estudante enquanto ator principal do processo, tanto para fundamentar projetos e ações, como principalmente os projetos pedagógicos dos cursos oferecidos, considerando-se que o sucesso de qualquer evento está automaticamente ligado à solidez das estratégias montadas para atingir suas metas.

No contexto amazonense, levantar informações a respeito do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas nos parece de fundamental importância, pois são suas atitudes, prevalências, expectativas e perspectivas que apontarão índices para embasar a confirmação ou redefinição de metas e projeção do futuro dos cursos da FEEF/ UFAM. Portanto o objetivo deste estudo foi identificar o perfil sócioeconômico-cultural dos alunos do curso de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas, Campus Manaus.

MATÉRIAS E METODOS

SUJEITOS DA PESQUISA

Fizeram parte da pesquisa acadêmicos dos cursos de Educação Física Bacharelado (84 alunos), Educação Física Licenciatura (127 alunos) e Fisioterapia (83 alunos), num total de 294 alunos, sendo 47,2% do sexo masculino e do sexo feminino 52,8%, todos matriculados na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas, Campus Manaus.

Todos foram convidados a participar do estudo, porém excluídos aqueles que apresentaram recusa explícita, ou qualquer fator que impedisse a entrevista. Todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido aprovado previamente no Comitê de Ética da Instituição (CAAE: 12324513.2.0000.5020).

AVALIAÇÃO DO PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL

Para traçar o perfil socioeconômico e cultural foi construído um instrumento com base em três outros questionários, no 1) questionário padrão utilizado pelo ENADE, no 2) questionário utilizado pela UFAM quando da primeira matrícula dos estudantes e no 3) questionário utilizado na pesquisa do perfil do acadêmico brasileiro da ANDIFES.

Considerando as respostas aos itens abordados, os sujeitos da pesquisa assinalaram de maneira clara de acordo com os enunciados das perguntas. Durante a aplicação do questionário o pesquisador se posicionou ao lado do entrevistado ou à frente de um grupo, falando pausadamente e repetindo os enunciados quantas vezes forem necessárias, caso ocorresse dúvidas.

ANÁLISE ESTATÍSTICA

Com base nos dados obtidos dos questionários, os resultados foram organizados observando-se a estatística descritiva (médias e desvios padrão). Para facilitar a apresentação optou-se por utilizar tabela com valores absolutos ou relativos. Também analisou-se de forma qualitativa por meio de variáveis individuais ou de cruzamentos entre variáveis.

RESULTADOS

Em função do elevado número de parâmetros analisados optou-se por apresentar somente os maiores índices (tabela 1).

TABELA 1 — Condições socioeconômicas e culturais dos alunos da FEEF/UFAM

PERGUNTAS	N	RESPOSTAS PREPONDERANTES	%
Cor da pele	160	Parda	54,4
Religião	161	Católica	54,7
Localização da Casa	285	Zona Urbana	96,9
Número de pessoas na moradia	165	1 a 3 pessoas	56,1
Escolaridade do pai	127	Ensino médio	43,1
Escolaridade da mãe	141	Ensino médio	47,9
Tempo de conclusão do Ensino Fundamental	211	8 anos	71,7
Tempo de Conclusão do Ensino Médio	265	3 anos	90,1
Tipo de escola que cursou o ensino fundamental	131	Somente pública	44,5
Tipo de escola que cursou o ensino médio	185	Somente pública	62,9
Estado Civil	175	Solteiro	59,5
Renda familiar	98	3 a 6 salários	33,3
Renda individual	130	Até 1 Salário	44,2
Se trabalha ou trabalhou	244	Sim	82,9
Horas de trabalhos semanais	129	S/jornada, Até 10 hs	43,8

DISCUSSÃO

Segundo Blumenbach ⁸ (alemão, fundador da Antropologia) explica, a cor da pele como um dado recorrente, inferindo-se de dados do fenótipo do indivíduo, isto é, das características físicas. A “cor da pele” é o que tem sido mais usado e considerado importante, pois aparece em quase todas as classificações raciais. De acordo com o IBGE, a classificação racial para fins de estudo demográficos no Brasil é oficialmente tomada desde

1991, mostrando-se como diretriz, essencialmente o fato da coleta de dados se basear na autodeclaração ⁸. Ou seja, a pessoa escolhe, de um rol de cinco itens (branco, preto, pardo, amarelo e indígena) em qual deles se aloca.

Apesar do grupo estudado ser pertencente a uma universidade pública localizada na região amazônica, a maioria dos estudantes relatam ser da cor parda (54,4%) podendo-se dizer que está acima da média da ANDIFES ² para região Norte (51,6%). Isso se deve a forte migração de nordestinos que ocorreu no ciclo da borracha no final do século XIX, associada a miscigenação com povos indígenas. Segundo dados do IBGE ⁴, o percentual de pardos é o que mais cresce na população brasileira. Em 2000, os brasileiros que se auto-declaravam pardos representavam 38,5% da população; em 2006 passaram a ser 42,6% e em 2009 passaram a ser 44,2%. A região norte é onde está a maior parte (71,2%), sendo o Amazonas o estado brasileiro com o maior percentual (77,2%).

Dentre os alunos estudados a maioria afirma pertencer à religião católica (54,7%), embora estes percentuais estejam abaixo dos apresentados para a população brasileira ⁵, que indicou que 64,6% da população brasileira é católica. Esse menor índice é explicado pelo crescimento nos percentuais de evangélicos e os que consideram não ter nenhuma religião.

Em relação às condições de moradia, a maioria dos alunos relata que reside na zona urbana (96,4%), com 1 a 3 pessoas (56,1%) na mesma casa. Quanto à escolaridade dos pais, são as mães as que apresentam os maiores índices de conclusão do ensino médio (47,9%). Isso deve ocorrer pelo espaço que a mulher está alcançando nas últimas décadas. A independência da mulher está ligada a sua maior participação nas atividades econômicas do país e a escolaridade é um dos fatores primordiais para se adentrar no mercado de trabalho, na busca de melhores cargos e salários. Dados do IBGE ⁶ divulgados indicam essa nova tendência relacionando a grupo de mulheres que esperam mais tempo para ter filhos - seja pela oportunidade de trabalho, vida acadêmica ou outros fatores.

No que diz respeito ao local de formação do ensino fundamental a maior parte dos alunos (44,5%) relatou ter estudado somente em escolas públicas. Já em relação ao ensino médio os valores são mais elevados (62,9%). Esta elevação nos índices de origem exclusivamente de escolas públicas, pode ser explicada com uma alternativa para o ingresso em sistemas de cotas nas universidades públicas, como é o caso da UFAM, associada a uma menor oferta de escolas privadas que oferecem o ensino médio pode explicar essa migração de alunos para as escolas públicas.

Quanto a variável estado civil dos estudantes da FEF/UFAM, deixa claro em sua grande maioria optam por permanecer solteiro (59,5%) tornando os alunos universitários da região Norte (81,8%) um dos maiores influenciadores de acordo com a situação conjugal por região mostrada pelo ANDIFES ², perdendo somente para a região Centro-Oeste (83,0%).

Em relação à renda familiar a maioria afere renda entre 3 e 6 salários (33,3%) caracterizada pela Associação Nacional de Empresas e Pesquisas - ANEP ¹ como classe socioeconômica A2 e B1 para classificar a renda familiar no Brasil. Constatou-se também que grande parte dos acadêmicos trabalha e já trabalhou (82,9%) mostrando-se o inverso do que nos diz a média do ANDIFES ² (82,7%), onde a maioria dos estudantes da região Norte mostra-se não exercer atividade remunerada. Atualmente 43,8% dos entrevistados relatam que trabalha até 10 horas semanais, em especial os cursos de educação física (licenciatura e bacharelado), onde dispõe de muitas vagas de estágio, desde os semestres iniciais. Além de oferecer a possibilidade de qualificação profissional o estágio auxilia na composição da renda familiar.

A partir dos resultados obtidos podemos concluir que o acadêmico da FEF/UFAM se identifica como um universitário cor da pele parda, da religião católica, mora na zona urbana da cidade em uma moradia com uma a três pessoas, onde o nível de escolaridade do ensino médio da mãe é superior a do pai, o tempo de conclusão do ensino fundamental foi de 8 anos e o do ensino médio de 3 anos, estudado somente em escola pública, é solteiro, tem uma renda individual de até 1 salário mínimo e familiar de três a seis salários, já trabalhou e trabalha em uma jornada de até 10 horas semanais.

REFERÊNCIAS

1. ANEP, Associação Nacional de Empresas e Pesquisas. Informações sobre critérios de classificação em classes sociais, disponível em <http://www.anep.org.br>.
2. ANDIFES, Associação Nacional de Diretrizes das Instituições Federais de Ensino Superior. Pesquisa do II Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das IFES.
3. INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007 Junho. Disponível: <http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior/evolucao-1980-a-2007>.
4. Tabela de Estatísticas sobre Caracteres Populacionais no BRASIL – CENSO 2000.
5. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tabela de Estatística sobre Características gerais populacionais no BRASIL: Religião e Deficiência- CENSO 2010.
6. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tabela de Estatística Populacional no BRASIL : Fecundidade- CENSO 2010.
7. Mauritti R (2002). Padrões de vida dos estudantes universitários nos processos de transição para a vida adulta, Sociologia, Problemas e Práticas, 39, 85-116.
8. Oliveira F (2004). Ser negro no Brasil: alcances e limites. Estud. av. [online]. 2004, vol.18, n.50, pp. 57-60. ISSN 0103-4014. Cita Johann Friedrich Blumenbach.
9. REUNI, Reestruturação e Expansão das Universidades Federais-. Disponível: <http://reuni.mec.gov.br>.

AUTORES:

José Maurício Capinussú ¹
Nathalia G. P. de Menezes ¹

¹ Universidade Salgado de Oliveira
(Universo), Rio de Janeiro, Brasil

Motivos e pretextos para a violência no futebol

6596

PALAVRAS CHAVE:

Violência. Jogador. Educação. Futebol.

RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem sobre os motivos e os pretextos causadores da violência no futebol, desde o que se passa na cúpula dirigente dos clubes, nos vestiários e vai até as quatro linhas do campo. Em qualquer uma destas situações, a violência acontece sob variadas formas, seja na complacência dos dirigentes, no estímulo por parte dos técnicos ou nas ofensas verbais e agressões dos jogadores. Ao longo desse trabalho propomos estabelecer recomendações capazes de minimizar os efeitos da violência no futebol.

Correspondência: José Maurício Capinussú. Universidade Salgado de Oliveira (Universo)
Rio de Janeiro, Brasil.